

em função dos seus princípios e das suas regras e tende a tornar-se ortodoxo: é monopolista e quer ocupar sozinho o seu terreno de verdade. É autoritário (mesmo uma teoria científica dispõe da autoridade soberana das Leis da Natureza, cujo segredo penetrou). É agressivo contra todo rival vindo contestá-lo em seu terreno.¹¹

Assim, os sistemas de idéias são autoconservadores¹² e resistentes a tudo o que poderia, não somente ameaçar, mas alterar a sua homeostasia. Resistem, não apenas à contestação e à inovação, mas mesmo, como dizia Lupasco, à informação.

O coração da resistência encontra-se no núcleo onde estão concentrados os princípios de organização do sistema (paradigmas, lógica, categorias). Se é verdade que uma teoria científica deve obedecer à regra superior que a obriga a desaparecer se o meio científico rejeita-a, resta que os seus princípios organizadores ocultos, não submetidos diretamente ao controle empírico, produzem novas teorias, mais bem adaptadas que as precedentes, mas comportando as mesmas cegueiras cognitivas. É por isso que o conhecimento científico, por mais elucidativo que seja, comportou e comporta ainda uma profunda cegueira, de origem paradigmática.

Com a força do caráter autoritário e da pretensão monopolista, uma teoria, mesmo científica, tende sempre a recusar um desmentido dos fatos, uma experiência que lhe seja contrária, uma teoria mais bem argumentada. Por isso, é raro que seja suficiente, para a desintegração de uma teoria, uma experiência decisiva ou um argumento “imbatível”. É necessária uma longa série de provas acumuladas das suas carências e insuficiências e também o aparecimento de uma nova teoria mostrando uma grande pertinência. Assim, na história das ciências, as teorias resistem dogmaticamente como doutrinas, mas, finalmente, a regra do jogo competitivo e crítico leva-as a emendarem-se, depois a retirarem-se para o grande cemitério das idéias mortas.

Teoria da teoria

É próprio da teoria admitir a crítica externa, conforme as regras aceitas pela comunidade que cuida, suscita e critica as teorias (comunidade filosófica ou científica). O campo de existência das teorias é recente e frágil. Constituiu-se, pela primeira vez, há 20 séculos, em Atenas, onde a instauração da filosofia abriu uma esfera de livre debate de idéias sem sanção, exclusão, nem liquidação dos participantes. Depois, a ciência européia criou o seu próprio campo, onde toda teoria deve obedecer a regras empíricas/lógicas limitadoras e aceitar as verificações/refutações que poderiam desmenti-la.

Assim, um sistema de idéias permanece teoria enquanto aceita a regra do jogo competitivo e crítico, enquanto manifesta maleabilidade interna, isto é, capacidade de adaptação e modificação na articulação entre os seus subsistemas, assim como a possibilidade de abandonar um subsistema e de substituí-lo por outro. Em outros termos, uma teoria é capaz de modificar as suas variáveis (que se definem nos termos do seu sistema). Em consequência, as características “fechadas” de uma teoria são contrabalançadas pela busca de concordância entre a coerência interna e os dados empíricos que evidenciam: é isso que constitui a sua racionalidade.

A teoria é aberta por ser ecodpendente. Depende do mundo empírico onde se aplica. A teoria vive das suas trocas com o mundo: metaboliza o real para viver. É o tipo aberto de auto-eco-organização que dá à teoria uma resistência constitutiva ao dogmatismo e à racionalização. Mas esse tipo aberto está correlativamente ligado às regras pluralistas do meio que a alimenta, isto é, as sociedades/comunidades filosóficas ou, melhor, científicas. As esferas filosófica e científica são esferas de existência democrática/liberal para as teorias. Há, além disso, na esfera científica, provas e um veredicto de promoção ou eliminação. Assim, a teoria aceita a crítica no quadro filosófico, mas é no quadro científico que deve admitir o princípio da sua biodegradabilidade: uma teoria aberta é uma teoria que aceita a idéia da sua própria morte.